

## Intercâmbio no Japão: uma experiência de vida

Por Humberto Celia-Silva



“Quando tive a oportunidade de estudar fora, não pensava como os outros adolescentes da minha idade que também concorriam a uma oportunidade de intercâmbio. Eu não estava pensando na farrá, no que poderia fazer num lugar distante, longe dos olhos apreensivos de meus pais. Estava querendo explorar, ver outros cantos, conhecer coisas novas. Talvez estivesse atrás do Japão que conheci a partir dos filmes de Akira Kurosawa, de revistas em quadrinhos e programas de televisão

com artistas marciais vestindo roupas coloridas. Na verdade, queria descobrir o quanto do que passavam para a gente, no Brasil, sobre o Japão era realmente assim na prática.

Após conseguir uma vaga e antes mesmo de ir, as críticas em relação à minha escolha eram fortes. Muito me alertavam sobre a dificuldade de aprender o idioma e as diferenças entre culturas, que poderiam ser barreiras intransponíveis, mas eu estava atrás justamente deste choque, e minha família, apesar de receosa, apoiou minha decisão.

Cheguei a *Nagoya* no final da primavera de 2001 e logo me deparei com uma cidade vertical demais, lembrando um pouco o centro de São Paulo, só que com ruas mais estreitas. Ao fundo, a vista do Monte *Fuji*, vulcão adormecido que é referência geográfica do país. Ao contrário do que acreditam no Brasil, as pessoas no Japão foram bem receptivas, sempre respondendo com sorrisos quando algo era solicitado. Não que eles sejam amigáveis, sobre isto falarei mais adiante, mas são muito cordiais. Na verdade, existe uma máscara que envolve a sociedade em cordialidades. Podemos dizer que eles tratam dignamente e com respeito qualquer pessoa que ainda não tenha dado motivos para ser considerada uma ameaça. Claro que existem preconceitos: por exemplo, quando eu anunciava minha nacionalidade brasileira era recebido com olhares frios, mas mesmo assim cordiais. Infelizmente, brasileiros não são bem vistos, principalmente por causa do hábito que alguns possuem de "dar um jeitinho".

Para os japoneses, tudo precisa funcionar da maneira correta. Não dá para contornar etapas, pois isso afetaria o andamento das outras fases do processo ou de outras coisas que dependiam dele. E eles adotam tal postura para praticamente tudo, desde a maneira como arrumar as roupas até como se portar socialmente, desde como segurar um *hashi* até as relações com amigos, colegas e familiares. Tudo é constituído de etapas e as regras não escritas da sociedade devem ser seguidas para que tudo funcione. E, para mim, a primeira barreira foi justamente descobrir como as coisas funcionam.

Saindo de *Nagoya* fui para *Ishikawa*, mais precisamente para a cidade de *Kanazawa*. Fui abrigado por uma família que havia se candidatado pela segunda vez a receber um estudante. A primeira experiência deles não havia sido gratificante, portanto me surpreendi pelo fato de terem aceitado receber um segundo estudante, mesmo assim. Às famílias que se candidatam a receber intercambistas é dado o

nome de *Host Family*, ou família hospedeira, e aquela seria a responsável por mim durante minha estadia no país, providenciando transporte para a escola, alimentação e alojamento. Apesar de realmente não ter esperado e de não serem obrigados, também me deram muito afeto. Me tratavam praticamente como um membro da família, tanto que eu os chamava de pai, mãe e irmãos. Todo dia eu tinha um café da manhã pronto e uma marmita, que deveria levar para a escola em dias de aula. De noite, ao voltar, eles me perguntavam sobre o dia, como eu me sentia a respeito das coisas que eu vi e aprendi, e então jantávamos juntos.

Uma das condições da minha estadia no Japão era que frequentasse uma escola, então estava inscrito como aluno regular no primeiro ano na Escola *Kanazawa Nishi*. De fato, lá foi onde passei a maior parte do tempo. Todas as semanas ia para a escola de bicicleta, um percurso de meia hora, e voltava para casa só de noite. Frequentava as aulas de Matemática, Inglês, Educação Física e Economia Doméstica, e nas demais horas, como não era permitido sair da escola em horário de aulas, meu tempo foi preenchido com aulas de arte, pintura, caligrafia, piano e aulas particulares de japonês, dadas por professores de inglês. Para frequentar a escola me foi fornecido um conjunto completo de uniforme: um conjunto de terno e calça, quatro camisetas brancas e azuis, duas gravatas nas cores da escola, um par de chinelos que seria usado para andar pelas dependências do colégio, um par de tênis para atividades externas e outro para atividades no ginásio esportivo. Apesar de ser tudo cedido sem nenhum custo, me pediram que, se possível, mantivesse a integridade do uniforme para que pudesse ser reutilizado por outro aluno.

Nas aulas particulares de japonês, tive maior oportunidade de aprender sobre os processos da sociedade. Minha ansiedade por entender como tudo funcionava acabou atrapalhando o andamento do aprendizado do idioma, mas mesmo assim, acho que foi uma experiência proveitosa. As aulas eram divididas entre três professores. Uma era responsável pela turma em que eu estudava, sendo chamada de *Home Teacher*, e não sei se existe uma tradução adequada em português. Ela ajudava com qualquer coisa que fosse relacionada à minha adaptação, e procurava solucionar a maioria das situações constrangedoras ocorridas devido ao choque cultural.

Alguns dos professores eram muito formais. Um deles inclusive tentava esconder sua infelicidade em ter que me dar aulas, mas escondia ao máximo, restringindo todo o assunto ao livro didático. Se alguma pergunta minha não era sobre o assunto tratado no livro, mesmo que fosse relativa ao idioma, era ignorada e descartada. Outros, no entanto, bem menos. Uma das professoras agia comigo como se eu fosse um amigo, e não um aluno. Me levou para passear algumas vezes junto com a própria família, para conhecer pontos turísticos da cidade e lugares que ela gostava de ir. Com esta professora, eu conversava mais sobre as coisas do Brasil do que sobre Japão, pois ela parecia querer saber tudo o que eu pudesse contar! E foi uma das poucas pessoas que eu conheci por lá realmente interessadas em saber algo sobre o meu país.

As aulas terminavam por volta das três da tarde, mas era normal que os alunos se engajassem em alguma atividade, como esportes, artes ou música. Cada aluno fazia parte de um clube, *bukatsu*, dedicado à prática de uma atividade. Como queria aprender sobre a cultura japonesa, entrei para o clube de *Kendô*, um tipo de esgrima japonesa. Ganhei minha espada de bambu da minha família hospedeira e

um *kendogi*, uniforme do esporte, além de armadura da escolha *Kanazawa Nishi* e apesar de ter sido aconselhado a deixar a armadura para outro futuro estudante, pude ficar com ela, pois tinha até meu nome estampado em *katakana*. A prática de esportes nos grupos era supervisionada por um ou mais professores da escola, e o seu desempenho em determinado esporte dava ao aluno *status* dentro da instituição, assim como o desempenho dos grupos em competições entre escolas, o que fazia com que a prática esportiva fosse levada muito a sério.

Na escola que frequentei, o clube mais significativo era o de futebol, e como brasileiro sofri certa pressão para entrar neste grupo e dar um reforço ao time oficial do colégio. Acredito que, se tivesse cedido à pressão, minha vida na escola teria sido mais fácil, no entanto, estava determinado a aprender sobre o Japão também na prática de esportes, além de não ter percebido ainda a questão do modo "certo" de se fazer as coisas. Se você é um japonês típico, quando seus colegas sugerem que você pratique determinado esporte e seus professores encorajam a escolha, você simplesmente faz. E é assim que as coisas funcionam."